

Quatro anos de INPA (1975-1979)(*)

Quis Deus dar-me a honra e felicidade de haver começado minha vida profissional com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em 1954. Embora por duas vezes estivesse afastado daqui, trabalhando ou estudando em outros Estados da Federação, meu coração continuava preso a este centro de pesquisas. Pude vê-lo nascer e crescer, ao longo de vinte e cinco anos de profícua atividade. Transformações surgiram, fases obscuras e difíceis foram transpostas.

Da simples mansão da Rua Bolívar, na Praça da Saudade, até ao atual "campus" da Estrada do Aleixo, foi um longo e penoso passo. A resposta do povo Brasileiro contra a instalação do mal afamado projeto da Hiléia Amazônia aqui está viva e pujante, motivo de orgulho do povo Amazônico.

Quem deveria estar aqui, nesta passagem de comando era o Professor Doutor Warwick Estevam Kerr, 8º Diretor do INPA. Motivos particulares, conseqüentes da longa ausência do seio de seus familiares em Ribeirão Preto, São Paulo, tornaram inviável sua continuação na direção do INPA. Talvez esse isolamento o tivesse levado ao trabalho duro e contínuo, ao longo das noites, dos sábados, domingo e feriados como um consolo, um paliativo para a solidão. Animava e a todos queria levar nesse afã. Durante sua permanência fomos a única instituição científica a trabalhar aos sábados e convocações extra-horário eram freqüentes. Esse potencial de cientista e de administrador, diga-se de passagem, nem sempre ortodoxo à luz da burocracia funcional, hoje podemos traduzir pela projeção do Instituto e sua consagração como a 2ª instituição científica do Brasil, acompanhando de perto o centenário Instituto Agrônomo de Campinas, ainda de criação imperial.

Há quatro anos, precisamente no dia 5 de março de 1975, em cerimônia singela, tomava posse como Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, o Dr. Warwick Estevam Kerr. Em seu discurso dizia, entre outras coisas, que naquele momento o INPA dobrava o seu número de Doutores: ele era o 2º. Era um bom começo, pois graças ao dinamismo dele hoje somos 28 doutores, 44 mestres e 87 graduados, mais 107 pesquisadores visitantes e alunos de Pós-Graduação, num total de 266 pesquisadores.

Durante muitos anos o INPA foi representado por dois núcleos: o de Manaus, Amazonas e o de Belém, Pará, este último caracterizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. Atualmente estão incluídos o do Aripuanã, Mato Grosso, e o recém-criado e em fase de implantação, de Rio Branco, Acre. Os sonhados outros INPAs, o de São Luís no Maranhão, o de Boa Vista, em Roraima, o de Cuiabá em Mato Grosso e o de Macapá, no Amapá, não vingaram por escassez de recursos, motivados pelo tempo difíceis que atravessamos. No momento, o INPA-Porto Velho, em Rondônia, parece haver tomado outros rumos, constituindo-se em meta do atual Governador daquele Território, o coronel Jorge Teixeira de Oliveira.

(*) — Palestra pronunciada no dia 29/05/79 pelo Dr. José Alberto Sampaio Nunes de Mello na transmissão da Diretoria do INPA ao Dr. Eneas Salati, o novo dirigente do órgão.

O recém-criado INPA-Rio Branco surgiu da doação feita pelo então Governador, Professor Geraldø Gurgel de Mesquita, de um terreno, de 1.150 m², situado ao lado do antigo Aeroporto de Rio Branco. Nele, já existia um prédio em alvenaria, com 578 m², o qual reformamos e adaptamos às nossas necessidades. A implantação daquele núcleo caminha célere e, ainda este ano, estará com suas estruturas administrativa de apoio e a científica em pleno funcionamento.

Da cidade científica de Humboldt na vila de Dardanelos, rio Aripuanã, norte de Mato Grosso, sonho do Professor Pedro Paulo Lombo, constituiu-se no nosso INPA — Aripuanã. Criado em 1973, em um Projeto para constituir-se em polo de apoio e desenvolvimento científico, não conseguiu seus intentos face a dificuldades administrativas sérias. Em 1976, o Senhor Presidente do CNPq, na época o Dr. José Dion de Melo Teles, integrou aquele projeto à rede de pesquisas do INPA absorvendo uma herança de um punhado de casas palafíticas pré-fabricadas em péssimas condições de conservação, de uma longa lista de descriditos e desmandos administrativos, em fim, da inexistência de algo que pudesse atestar a presença das finalidades da proposição inicial de criação.

No que pesem as dificuldades transpostas e ainda muitas outras a serem galgadas, o INPA-Aripuanã é uma experiência válida como polo desenvolvimentista para a Amazônia. De uma instável população de cerca de 400 almas, hoje a mesma está triplicada, tendo só as duas escolas primárias existentes mais de 500 alunos. Atestam o progresso do Núcleo e da Vila de Dardanelos: o campo de pouso homologado com 1200 metros de pista, rádio-farol em instalação, sistema rádio-enlace de comunicações, primeira unidade brasileira do sistema bulbo de geração de eletricidade em caudais de baixa queda, bio-digestor para obtenção de gás de cozinha a partir de excretas, serraria, oficinas, granja com galinhas, coelhos, gado leiteiro e búfalos, 4 km — Estrada de acesso ligando a Vila ao porto no rio Aripuanã, horta, culturas experimentais de cereais, escola, residências dentro da vila numa integração comunitária entre funcionários e habitantes de Dardanelos, e uma Reserva de 100.000 ha. Não poderíamos fazer ciência de alto nível sem cientistas e sem locais adequados de trabalhos representados quer por laboratórios, quer por bases dentro da selva.

O INPA-Belém tem sua história profundamente ligada à do Museu Paraense Emílio Goeldi. O centenário Museu foi incorporado em 1955 à administração do CNPq e subordinado ao INPA. É o Museu da Amazônia, repositório obrigatório de acervo cultural e histórico de nossa região. Seu corpo de pesquisadores foi redimensionado, atingindo hoje três divisões com 51 pesquisadores e bolsistas. Com o projeto BID, já estão em andamento os processos de construção das instalações do novo INPA em ampla área situada nos arredores de Belém, o qual dará maiores condições de trabalho, permitindo uma ampliação do Museu além de ensejar que o mesmo não perca as características precípuas de sua finalidade original.

O INPA Manaus, frente ao sensível aumento de seu quadro de pesquisadores, teve que adaptar sua estrutura física para poder desempenhar seu trabalho. Residências eram transformadas em laboratório

e os amplos espaços, até então existentes nos pavilhões de pesquisas, foram envidados com móveis, equipamentos e pessoal. Tendo de ser mantida a intocabilidade restrita de nossas árvores, os experimentos carerites de espaço livre, tiveram de ser transferidos para fora do *campus*. A cessão pela SEPROR de uma pequena área no Km 14 da Estrada Manaus-Itacoatiara, a doação pelo Estado de um terreno na estrada do V-8, a aquisição de um terreno de várzea no Ariaú próximo ao Caldeirão no rio Solimões, a reserva do Km 60 da Estrada Manaus-Caracará, em área doada pela SUFRAMA passando de 3.000 hectares para 22.000 e ainda a mesma SUFRAMA oferecendo a utilização das terras da ilha dos Mouras ou da Machantaria, como é comumente conhecida, foram alguns dos passos dados naquele sentido.

A criação de polo de trabalho com peixes, no lago do Castanho, no Janauacá, gerou a necessidade da instalação mais elaborada de um centro de tecnologia do pescado, já com recursos assegurados, para ser construído em área de 6.000 m² doados pelo Estado. Além das necessidades de espaço físico tivemos que resolver problemas conseqüentes dessas modificações, tais como :

- A construção de rede telefônica interna, a implantação de telex e sistema de rádio-enlace com os barcos e com o Núcleo de Aripuanã;
- Ampliação e adequação da rede elétrica de alta e baixa tensão;
- Ampliação e uniformização de nossa frota de viaturas, tendo em vista as facilidades de manutenção e economia de combustível;
- Aquisição e adaptação de dois barcos — Pium e Uira — para nossos serviços;
- A construção de um barco especial para a Divisão de Peixe e Pesca, com inovações quanto ao transporte de peixes vivos e manejo com redes — é o "Ciência Amazônica";
- Com vista dirigida ao sempre crescente problema da escassez de combustíveis não renováveis, revivemos o antigo barco impulsionado à vela existente aqui até o 1º quartel deste século e relegado ao esquecimento pelas facilidades do motor a explosão. Seu nome é DESAFIO, e terá também a inovação de possuir um motor movido a álcool e a gasogênio.

Outro ponto a salientar-se é a ativa e estreita colaboração promovida com entidades governamentais federais, estaduais e municipais. Seria fastidioso enumerá-las e, sem dúvida, pecaríamos pela omissão involuntária de algumas. Salientamos, contudo, a com a Universidade do Amazonas, em programa de pesquisas e, sobretudo, na criação efetiva e manutenção dos quatro Cursos de Pós-Graduação, atualmente com 54 alunos em nível de mestrado e 26 no de doutorado (total de 80).

A preocupação da direção do INPA com a preparação de mão-de-obra especializada, para a pesquisa e o ensino, não ficou na escala menos elevada; ela partiu para o aprimoramento daqueles que sentam pela vez primeira nos bancos de uma escola. Surgiu a idéia e a concretização de uma cartilha, a "Cartilha da Amazônia", abolindo o exotismo dos *ursos* e *cegonhas*, e as inutilidades das frases vazias, para os animais amazônicos facilmente reconhecíveis e os ensinamentos básicos de higiene, civismo e ciência.

Da cartilha, hoje adotada em quase toda a Amazônia, partiu-se para uma escola experimental, situada no centro de um bairro pobre: É a "Escola Abelhinha", ampliada pela SEDUC e ponto obrigatório de convergência daqueles que acreditam no nosso sistema.

Outro ponto merecedor de acurada atenção foi a Biblioteca, a qual teve que sofrer ampliação para poder conter o atual acervo, que a inclui entre as 10 maiores do Brasil e a 1ª ao norte de Brasília. Para melhor servir, seu horário foi estendido, permanecendo aberta ao público durante cerca de dezessete horas diárias, inclusive aos sábados e domingos pela manhã.

A revista ACTA AMAZONICA teve normalizada sua tiragem além de aumentada de 3 para 4 números anuais, e de ter quase que dobrado o número de suas páginas. Com o afluxo de trabalhos extensos, como seja o da publicação de teses de mestrado e doutorado de nossos alunos de pós-graduação, surgiram os Suplementos especiais, tendo vindo a lume, até o momento, 12 números.

O nosso herbário é outro a merecer especial atenção. Em 1975 ao assumirmos, festejava-se ainda o registro no acervo de 50.000 exsiccatas, coletadas ao longo de 20 anos. Hoje, após quatro anos, foi atingida e ultrapassada a casa dos 83.000.

Uma outra inovação foi o da criação em 1975 dos "Seminários da Amazônia", com uma conferência semanal, às terças-feiras, sobre assuntos de interesse da Amazônia. Os temas abordados têm sido tanto de caráter estritamente científicos, como sobre aspectos sócio-culturais, explanados por conferencistas convidados.

Para os funcionários, técnicos e auxiliares do Instituto foram estabelecidas, a partir de maio do ano passado, palestras mensais com o objetivo de partilhar a ciência e a tecnologia desenvolvidas no INPA, com o grupo de apoio que as tornaram possíveis e, também, passar-lhes algumas descobertas científicas, que possam tornar suas vidas mais felizes. Por meio de linguagem simples, tentou-se também conscientizar nossos funcionários-de-apoio a respeito de alimentação, nutrição, saúde, doenças tropicais, ecologia e outros aspectos científicos que pudessem auxiliá-los a compreender o mundo em que vivemos.

Resumir pouco mais de 800 páginas de relatórios de realizações científicas desses quatro últimos anos, a serem apresentados nesta festividade de posse torna-se inadequado, inoportuno. Contudo, foi cumprida a afirmativa de que produzimos ciência e tecnologia para o desenvolvimento da Região Amazônica, com vistas primariamente ao bem-estar de seu povo e os reclamos da cultura, da economia e da segurança nacional.

Para finalizar transcrevo aqui as palavras do nosso estimado Dr. Kerr, em carta recente a mim dirigida, quando se referia à sua administração:

Foram tempos difíceis, porém de grande produção, de boa filosofia, de muito trabalho, sendo que, no final, o INPA estava conhecido, trabalhando para felicidade do povo da Amazônia e integrado nas fontes de decisão.

Muito obrigado.

José Alberto S. Nunes de Mello
Diretor em exercício